

TESSITURAS

Revista de Antropologia e Arqueologia

ORGANIZADORAS

Prof^ª. Dra. Maria Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Prof^ª. Dra. Daiane Loreto de Vargas (UFRB)

Prof^ª. Dra. Flávia Maria da Silva Rieth (UFPel)

Apresentação

DOSSIÊ “ARTESANATOS E TERRITÓRIO”

O Dossiê Artesanatos e Território reúne um conjunto de artigos que abordam os saberes-fazer, as habilidades manuais e as contribuições do artesanato para a geração de renda em comunidades rurais e urbanas. Além disso, apresenta, nos estudos aqui inseridos, a relevância dessa atividade no contexto territorial, procurando refletir acerca da diversidade do patrimônio cultural brasileiro e latino-americano, bem como as relações simbólicas e identitárias dos territórios. Trata-se de um Dossiê que pretende também salientar o quanto diferentes pontos de vistas e metodologias podem ser utilizados nos estudos patrimoniais, apontando para a maturidade desse campo de estudos.

Os artesanatos reforçam as dinâmicas socioeconômicas e culturais dos territórios, relacionando-se com o turismo e estimulando distintos tipos de mercados. Nesse trânsito, dialogam as paisagens, a biodiversidade e os atores sociais, fortalecendo as práticas culturais e contribuindo para o reavivamento das memórias, dos saberes e práticas. De forma dinâmica, os simbolismos, as histórias e trajetórias de vidas se tornam perceptíveis nas peças confeccionadas pelos(as) artesãos(ãs).

O território se constrói por meio da produção do espaço, tendo como bases de interpretação dessa construção a relação homem, natureza (e sobrenaturezas também), suas coesões e conflitos, em tramas históricas e epistemologicamente delineadas. Dessa maneira, tanto reconhecem que o espaço é dotado de uma realidade material preexistente quanto de um campo de possibilidades de ação social, cultural e simbólica, de uma criatividade que se faz continuamente. Nas relações dessas tessituras, a abordagem territorial em questão procura reconhecer a imbricação entre materialidades e imaterialidades, práticas e versões.

Os produtos artesanais enfatizam dinâmicas produtivas, constroem e produzem identidades territoriais, com base em elementos simbólicos e da paisagem. Nessas possibilidades, questões étnicas, raciais, geracionais, de classe, gênero, entre outras, também se tornam aparentes e são expressas. Nas itinerâncias entre passados, presentes e espaços, a confecção artesanal faz uso de elementos tradicionais e também elementos de uma “modernidade” consentida. O fazer artesanal é notadamente um saber cultural do território, que se perpetua no tempo, remetendo às memórias e configurando identificações e pertencimentos dos sujeitos envolvidos no processo de produção, distribuição e consumo desses. O artesanato é bom para fazer, ver, sentir, memorar, mas também para comercializar.

Atenta-se aqui para as práticas de saber-fazer dos diferentes atores sociais, em diversos locais, que conformam os modos de vida tradicionais, salientando-se a permanência e reprodução do artesanato no mundo moderno urbano industrial. São referências culturais, materiais e imateriais que contribuem para a formação dos territórios, pois geram sentimentos de pertencimento ao lugar. Remetem, igualmente, à história em múltiplas temporalidades, constroem e reconstroem as relações entre as coisas, os humanos e não humanos e o lugar. Além disso, trazem um conjunto de habilidades e sensibilidades que são transmitidas

no interior dos grupos, acompanhados de outras construções também, como família, honra, gênero, geração, conhecimentos e também distinções.

Nesse sentido, objetivando compartilhar pesquisas de diferentes espaços, escopos, dimensões e momentos, oportunizando uma obra que aponte para as convergências e divergências deste campo de estudo, apresentamos o Dossiê “Artesanatos e Territórios” na Revista Tessituras, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt – UFPel). Essa empreitada foi conduzida por três pesquisadoras responsáveis pela edição, com apoio da equipe editorial da Revista, lançando edital e convocando estudiosos sobre o tema, amplamente divulgado. Foi um convite a muitos pesquisadores dispersos que poderão ter seus estudos aqui reunidos.

Foram selecionados onze artigos elaborados por pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições acadêmicas, científicas e governamentais, do Brasil e do exterior. Os onze artigos selecionados e avaliados por pares, transitam por formas históricas e contemporâneas de produção do artesanato, o que torna esse campo de estudo sempre muito rico e vasto. A organização dos mesmos na revista respeita a uma possível abordagem que deles fizemos, compreendendo que eram, também, parte de uma ciência social que se pretende ainda artesanal, no sentido de permitir estudos de cunho mais particularizado e qualitativo em que a interpretação e a reflexividade possam se manifestar. Compreendendo, igualmente, que são estudos datados e localizados, mas que, numa sociedade mundializada, exigiram reflexões acerca das legislações, dos mercados e também dos encontros interétnicos.

Rico observar também como os artesanatos podem ser formas de resistências, de agências e de expressão de conflitos e tensões. Há coesões também que se expressam nos artesanatos, mas possibilitar que, por meio de sua criação e feitura, novas possibilidades de vida e de renda surjam, é algo fantástico. A valorização desse, não somente monetariamente, mas como expressão coletiva e individual, é uma política que deveria ser mais pública do que partir de iniciativas isoladas, como observadas em algumas situações aqui apresentadas. Ter espaços institucionalizados de geração de renda por meio dos artesanatos também é uma estratégia de melhora da qualidade de vida de populações que podem, por meio deles, transmitirem às gerações seguintes, seus legados e suas ancestralidades.

A linha de ordenação dos artigos vai dos espaços, às gentes e aos materiais que tornam o artesanato possível e materializado, considerando a potência dos objetos na constituição das relações sociais. O couro, os fios, as miçangas, os produtos da floresta, os panos, que se convertem em criação e reprodução também, circulam. E, para a antropologia, essa circulação é extremamente rica de se estudar. Quais as narrativas que se constroem sobre um artesanato indígena, de mulheres e homens rurais, de quilombolas, de afro-descendentes? Qual narrativa transita do local de sua produção até os espaços daqueles que o inserem em suas casas e espaços coletivos?

LINHAS/ANCESTRALIDADE/ TERRITÓRIOS

A tessitura do Dossiê Artesanatos e Territórios se inicia com o texto “A fabricação artesanal dos tambores “piano”, “chico” e “repique” e sua importância para a construção de conhecimentos sobre a tradição musical e cultural do candombe afro-uruguaio, de Lisandro Lucas de Lima Moura e Claudia Turra Magni, que propõem discutir os modos de fabricação e restauro dos tambores no candombe a partir de uma abordagem ecológica, acompanhando as reflexões de Tim Ingold. O candombe é um ritmo musical protagonizado pela população negra, compondo a cultura afro-diáspora no Uruguai. Aqui o conhecimento das técnicas tradicionais de feitura e manutenção dos tambores uruguaios – piano, chico e repique – demanda o saber lidar com as propriedades materiais das coisas que produzem efeitos na relação de afinidade pessoa-tambor. Esta noção assume relevância no universo candombeiro, justamente pela idéia de *mútua afectação*, pois “a pessoa toca o tambor e o tambor toca a pessoa”, estando em acordo com a “cosmologia multiversa dos povos bantos”, reivindicando uma outra perspectiva sobre a presença negra no Uruguai.

O artigo “Bará, “Senhor dos Caminhos”: tomando novos rumos para as religiões afro-brasileiras na cidade de Pelotas (RS)”, de Isabel Soares Campos, apresenta-nos, por meio da narrativa de eventos sucessivos ocorridos na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, o quanto os espaços públicos são palcos de tensões entre práticas e cosmologias religiosas. Tratando, no artigo, do espaço destinado ao Bará no Mercado Público da cidade, analisa que, em momentos significativos, como o de sua revitalização, em 2012, as práticas e os rituais podem não ser compreendidos ou aceitos publicamente. A autora, pensando como Butler (2018,2021), ressalta que a ação corporal pode ser um modo de instituir outro poder e, por meio da ação, pode-se mais amplamente reivindicar o público nos espaços urbanos coletivos. Trata-se de artigo que dialoga também com a construção histórica dos espaços destinados aos barás nos mercados públicos e os vínculos que os praticantes de religiões afro-brasileiras têm com esses. Importante também, no artigo, é a apresentação de sucessivos eventos e embates entre locais e os grupos religiosos, bem como entre os próprios grupos religiosos de matriz africana. Ou seja, trata-se de um espaço de poder, com certeza e que pode ser analisado sob olhares diversos.

No ensaio fotográfico (artigo 3) produzido por Patrícia dos Santos Pinheiro e Gabriela Novaes Santos, intitulado “Fuxicar e bordar na comunidade quilombola de Mituaçu: as Fuxiqueiras do bem”, pode-se conhecer mais profundamente a comunidade quilombola de Mituaçu, em Conde, na Paraíba (Brasil). Por meio de imagens e das trocas possibilitadas pelo artesanato, do fuxico, pode-se compreender que essa atividade é estar junto, por vezes, na aprendizagem, mas estar consigo mesmo, na criação e feitura. É um ato coletivo e individual ao mesmo tempo. Há uma imaginação, em mãos, que materializam e concebem. Como ressaltam as autoras e fotógrafas, num ambiente de mulheres, entre gerações de

saber-fazer, o fuxico toma forma. Há sons, paisagens, pessoas e um ambiente que, como interpretação do mundo, torna-se fuxico também. Torna-se produto que também pode se tornar renda e, nesse sentido, valorizar o trabalho ali realizado. Fuxico se faz fuxicando. O texto produzido para o ensaio fotográfico apresenta também os contextos de produção das imagens (e da pesquisa) e as sensibilidades das autoras que elaboraram as fotografias.

O estudo “Território feito à mão: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas”, de Carolina Iuva de Mello e José Marcos Froehlich, retrata as potencialidades do acionamento do artesanato como expressão de identidade territorial em duas comunidades quilombolas do Centro Serra do Rio Grande do Sul, Júlio Borges (Salto do Jacuí) e Linha Fão (Arroio do Tigre). Para tal, foram realizadas ações de inclusão produtiva e gestão social nas comunidades através de práticas de extensão universitária, promovidas pelo Núcleo de Estudos e Extensão em Desenvolvimento Territorial e Territorialidades (NEDET-UFSM). As ações permitiram a construção de imagens identitárias coletivas, contribuindo para uma maior visibilidade a saberes e fazeres artesanais, os quais que vêm recebendo renovada atenção no contexto contemporâneo de expressivo apreço pelo consumo de bens culturais. Além disso, foi perceptível que a valorização do artesanato identitário vem ao encontro da noção de desenvolvimento territorial e que é preciso levar em consideração os aspectos culturais e simbólicos do território, a fim de se obter um desenvolvimento com protagonismo de atores locais.

LINHAS / MULHERES / TERRITÓRIOS

Miriel Bilhalva Herrmann assina o trabalho “Artesanato em lã: uma referência cultural na Pampa sul rio-grandense”, a autora descreve o saber-fazer artesanal em lã crua ovina, realizado por mulheres no município de Jaguarão, no extremo Sul do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai. A técnica do crochê em *jacquard*, que se destaca como um saber do município e região, é analisada com um profícuo olhar etnográfico, traçando uma descrição acurada sobre o processo de produção das peças artesanais em lã que envolve desde a criação de rebanhos ovinos, passando pelas técnicas de *esquila* (tosquia), até a transformação da lã para diversos fins. No estudo de caráter antropológico, a autora retrata o processo histórico de construção desse saber-fazer, cujas origens remetem à introdução do gado na região platina, contextualizando a evolução desses saberes até o momento atual, com o trabalho das mulheres artesãs inseridas na pecuária familiar. O intuito é refletir para além da peça, mas sobre os *caminhos da lã*, por meio das formas de transmissão, da organização dos processos de produção, dos materiais utilizados e das relações entre artesãs em diferentes associações, em processos de registro do bem com patrimônio imaterial brasileiro.

No estudo realizado por Lissette Torres-Arévalo e Narjara Mendes Garcia,

apresentado aqui no artigo “Entre agujas, hilos y mullos: tejiendo narrativa e interlocuciones a la luz de la mirada ecológica”, observa-se uma perspectiva da bioecologia e de educação ambiental cruzadas com uma narrativa autobiográfica (da primeira autora). Sendo ela também artesã com *mullo*, no Equador, seu lugar de análise também é muito interessante ao longo do artigo. Trata-se de um relato reflexivo que nos permite compreender em quais circunstâncias o artesanato se apresenta como possibilidade criativa e de trabalho para as mulheres. No caso aqui apresentado quando da formação da autora, mulheres em vulnerabilidade. A violência, o abuso e tantos outros sentimentos poderiam ser compartilhados por meio do artesanato, bem como expressos. A trajetória aqui apresentada, de tornar-se artesã (para a primeira autora), é muito sensível e bem articulada. O artesanato é mais do que um produto mercantil, é um trânsito entre experiências, como está tecido no texto também. A escuta, os sentidos e a metáfora se apresentam como ferramentas interpretativas conjugadas pela possibilidade de uma educação ambiental, seja da autora consigo mesma ou por meio do estudo com as mulheres do Pueblo Saraguro (sul do Equador), com quem tem interlocução. Trata-se de um artigo que nos convida a uma aproximação entre diferentes áreas acadêmicas e de produção do conhecimento científico, o que é sempre muito proveitoso.

O artigo “Trocados e bater de bilros: histórias de vida de rendeiras em Canaan”, de José Kasio Barbosa da Silva, e João Bosco Moura Filho, traz a proposição de entrelaçar o fazer da renda de birlos com as histórias de vida das rendeiras de Canaan, cidade no interior do Ceará, no Brasil. Como um ofício feminino, o presente trabalho observa o processo de constituição da identidade de rendeira de Canaan, considerando as dinâmicas de tradição e mudança desta cultura rendeira. O artesanato da renda figura como modo de subsistência econômica e resistência “tendo a almofada a sua frente como instrumento de trabalho”. Reflete sobre as mudanças nas formas de transmissão e na própria produção das peças deste saber-fazer, bem como sobre a inserção das gerações mais jovens de mulheres, considerando que “bater birlos” compõem e atravessa a vida destas artesãs, “subjetividades que se movimentam e se deslocam na e pela resistência de uma tradição centenária”

As autoras Bárbara Nunes de Santana e Ana Georgina Peixoto Rocha, apresentam o trabalho “Capital social e gestão: estudo de caso da Associação de Artesãs do Chitarte em Cachoeira-Bahia”, o texto retrata os efeitos do capital social na gestão de um empreendimento da economia solidária no Território do Recôncavo Baiano, no qual atua um grupo de mulheres artesãs. As peças artesanais produzidas pela Chitarte tem como base a chita, tecido marcado pelas cores das estampas tropicais, aportado no Brasil no período colonial para confeccionar as vestimentas dos escravos, dessa forma as artesãs contribuem para reproduzir a identidade do Território, através do contexto histórico-cultural vivenciado. Mas, para profissionalizar o fazer artesanal e propiciar um justo acesso aos mercados, as pesquisadoras ressaltam os desafios dos empreendimentos solidários que en-

volvem não apenas questões técnicas e econômicas, mas, também, um fortalecimento do capital social. As autoras afirmam que é preciso avançar na profissionalização de tais empreendimentos, com base nos princípios da autogestão, para garantir a autonomia e a participação de todas as artesãs envolvidas no processo.

O artigo das autoras Iraildes Caldas Torres e Naia Maria Guerreiro Dias, intitulado “Entre Teçumes, Argila e Grafismos: a expressão identitária de mulheres indígenas e não indígenas no artesanato amazônico”, remete-nos a cosmologia da sociedade indígena amazônica Satere-Mawe, que tem uma população aproximada de 8.500 habitantes, no Norte brasileiro. Nessa cosmologia, o conhecimento das mulheres e o seu vínculo com o artesanato é muito forte. As autoras enfatizam que o trabalho é compreendido por meio de uma racionalização evocativa de mitos e ritos e que são transmitidos entre gerações, com forte presença feminina. As matérias-primas retiradas da floresta, com permissão dessa, seriam a tala de palmeira, fibra de tucumã, bagem de jarina, molongó, argila, caraipé e outras. Na Região da Valéria, na qual o estudo foi realizado, dizem as autoras que o artesanato trata da “dinâmica da vida”, o que se observa nos objetos que os indígenas produzem. Seja para seu consumo ou para venda que lhes possibilita uma renda. Assim, o artesanato, numa perspectiva histórica e dinâmica, dialoga com a vida amazônica e passa a fazer sentido nas relações interétnicas também. Além disso, ele transporta as perspectivas indígena para além dos espaços geográficos em que são produzidos, o que o torna uma ferramenta de diálogo intercultural também.

TENTOS, LINHAS DE COURO/ HOMENS / TERRITÓRIOS

Em “La guasqueria en la sociedad y en la cultura sur-riograndense contemporánea: un abordaje sobre qué representa “ser guasquero” y “hacer guasqueria” en pleno siglo XXI”, o autor Gonzalo Prudkin, busca compreender os sentidos da prática da guasqueria, artesanato feito de couro cru, na contemporaneidade. O texto reconhece a relação histórica com o trabalho rural e propõe a análise das “práticas comunicativas e culturais, o emergente”. Nesse sentido, interroga o leitor sobre: O que é ser guasqueiro? Qual o sentido da continuidade desta prática? E, quais as mudanças ocorridas no processo de fazer guasqueria? Respostas que nos remetem às mudanças na relação campo e cidade, nos processos de transmissão e modos de fazer este ofício, bem como na ampliação e diversificação do mercado de objetos de couro.

Em instigante diálogo, tramando as discussões sobre o artesanato realizado por homens, apresentamos o artigo “A guasqueria de galpão/ateliê em espaço urbano”, de Juliana Porto Machado e Ronaldo Bernardino Colvero, que encaminha a reflexão sobre a “representação de aspectos do trabalho rural do peão no espaço urbano da guasqueria”. O texto entrelaça as vivências dos guasqueiros na cidade e dos peões no campo a partir das experiências de três interlocutores,

no contexto urbano na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguay. Ao discutirem as relações entre campo e cidade, evidencia-se o galpão/ateliê como um lugar de existência destes campeiros, uma extensão do rural na cidade. A guasqueria por sua vez, está colocada como artesanato de peão que também compõem o meio urbano.

Por fim, a leitura deste Dossiê no seu conjunto de artigos, permite-nos visualizar a territorialização dos diferentes saberes e fazeres aqui apresentados. Todavia, os textos também possibilitam a discussão de processos de reterritorialização dados pela dinâmica de tradição e mudança das atividades artesanais no mundo contemporâneo. Assim, constituindo territórios de existência de artesãos e artesãos que são tecidos no fluxo da vida, conforme os indicadores de classe, gênero, geração, região, religiosidade, etnia.

Boa leitura!

As organizadoras

Prof^a. Dra. Maria Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Prof^a. Dra. Daiane Loreto de Vargas (UFRB)

Prof^a. Dra. Flávia Maria da Silva Rieth (UFPEL)